

Educomunicação pela cidadania das mulheres

Vera de Fátima Vieira

Mestre e doutora em Comunicação/Feminismo pela ECA-USP. É diretora-executiva da Associação Mulheres pela Paz.

E-mail: vera7vieira@globo.com

Resumo: Alicerçada no pressuposto da inter-relação entre os campos da comunicação e do feminismo, este artigo pretende demonstrar que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) — que têm na internet a sua maior expressão — não são um fim, mas um instrumento para a transformação social. Com a revolução das TIC, o avanço do trabalho pela equidade das relações sociais de gênero depara-se com o desafio da mudança de mentalidade. Concomitantemente com a revolução tecnológica, ocorrem as revoluções do aprendizado e da expressão pessoal e interpessoal, acarretando outras formas de representação da mulher em função das novas dinâmicas comunicacionais. É por meio de ações educacionais e pela comunicação a distância que se vislumbra um caminho de reformulação da agenda feminista, com novas estratégias de intervenção política e de atuação.

Palavras-chave: comunicação; feminismo; TIC; internet; gênero; mulher; ONG.

Abstract: Founded on the understanding of the relationship between the fields of communication and feminism, this paper argues that Information and Communication Technologies (ICT) — which have the internet its highest expression — are not an end, but a tool for social transformation. With revolution of ICTs, the fight for gender equality in social relationships faces the challenge to change minds. Concurrently with the technological revolution, revolutions on learning and personal and interpersonal expression occur, leading to other forms of representation of women in light of the new communication dynamics. It is through educative actions and distance communication that we can envision a reformulation of the feminist agenda, with new political intervention and performance strategies.

Keywords: communication; feminism; ICT; internet; gender; woman; ONG.

1. INTRODUÇÃO

O início de meu percurso na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) caminha paralelamente à trajetória junto ao movimento feminista organizado. Em 1996, quando retorno do Canadá, onde residi por oito anos, começo a trabalhar como coordenadora da organização não governamental (ONG) Rede Mulher de Educação, com sede na cidade de São Paulo. No ano seguinte, movida pela paixão à academia e ao trabalho de educação para novas relações sociais entre homens e mulheres, concretiza-se o sonho de ingressar na USP, ao ser aprovada para o Curso de Gestão de Processos Comunicacionais

Recebido: 19/06/2015

Aprovado: 06/08/2015

(ECA-CCA). Em 1999, o projeto do curso *lato sensu*, sob orientação do Prof. Dr. Adilson Odair Citelli, intitulado “EDUCOMUNICANDO — Intervenção Comunicacional das ONGs para a visibilidade de discurso e a conquista de novas parcerias — Estudo de caso: Rede Mulher” foi aprovado com distinção e louvor, tendo contribuído para a atualização da prática feminista.

Em seguida, apresentei o projeto de dissertação com a nítida convicção de que em muito contribuiria para minha prática cotidiana, avançando nos conhecimentos adquiridos anteriormente. A pesquisa-ação intitulada “Gênero e Educação para Intervenção da Mídia” foi aprovada em 2002, também sob orientação do Prof. Dr. Adilson Odair Citelli, representando mais um passo importante no sentido de efetivar o cruzamento dos saberes entre a academia e o universo das ONGs feministas, visando ao avanço da luta pela cidadania plena feminina.

Atuando também junto a outra ONG — Associação Mulheres pela Paz —, sempre me deparei com o desafio da necessidade do aprofundamento na reorientação da prática de intervenção feminista, considerando a influência dos meios de comunicação de massa no pensar e agir das pessoas, acentuada pela revolução tecnológica. Por isso, em 2008, após aprovação de meu projeto de doutorado, dei continuidade ao percurso imprescindível de aprofundamento do objeto de pesquisa focado na Comunicação e no Feminismo, uma pesquisa-ação sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Castilho Costa. No início de 2012, a tese intitulada “Comunicação e Feminismo: as possibilidades da era digital” foi aprovada com menção de louvor e recomendação de publicação.



Rede Mulher de Educação

Vera Vieira coordenando oficina para lideranças sobre intercâmbio tecnológico feminista



Rede Mulher de Educação

A produção midiática por um dos grupos participantes da oficina

Debruçando-me na teoria, ao mesmo tempo em que a aplico em experiências práticas, venho confirmando que o Feminismo e a Comunicação caminham lado a lado, colocando-se como um trajeto inegável e necessário para o avanço da luta pela equidade das relações de gênero. O radicalismo (no sentido marxista de ir à raiz das coisas) dessa luta deve estar acima do sectarismo vigente na visão sobre os meios de comunicação de massa, por parte de um grande número de organizações não governamentais. A mídia não representa a salvação e nem a destruição, mas é um fundamental campo de intervenção para o avanço da cidadania ativa. É essa a *aura* que reveste o percurso dessas pesquisas.

Os resultados desses trabalhos acadêmicos oferecem contribuições concretas para uma ação mais efetiva do movimento feminista, inter-relacionando a educação não formal com a comunicação, em busca do mesmo objetivo de pioneiras dessa luta: uma sociedade com equidade de direitos — relações de igualdade, com respeito às diferenças —, sem o que não se pode conquistar a democracia e a cidadania plena.

Ao buscar a interface entre a Comunicação e o Feminismo, tais pesquisas têm como premissa o fato de que ambos os saberes estão intrinsecamente entrelaçados. Reconhece também que, nas lutas pela emancipação da mulher, a mídia tem exercido uma função importante, prestando um papel incontestado nessa trajetória que vai dos meios impressos, passando pelos analógicos até os digitais, seja no cenário nacional ou internacional. Essa intervenção transformadora caminha na contracorrente da linguagem estereotipada, seja escrita ou imagética, que reforça o sexismo e outras discriminações.

Para propor uma prática efetiva de educomunicação e comunicação a distância — centrada na identificação de discursos e maneiras de veiculá-los —, como pesquisadora sou contrária à visão massificante de Adorno e Horkheimer e adepta

ao potencial político transformador abalizados por autores como Jürgen Habermas, Jesús Martín-Barbero e Paulo Freire. Assim, torna-se necessário, como premissa básica, gestar a comunicação, internamente, com objetivos claros e partilhados entre integrantes dos grupos envolvidos, o que significa buscar permanentemente a resposta base à pergunta enfatizada por Habermas¹, e que pode ser resumida da seguinte forma: “Com que modo de agir em comum as pessoas querem se comprometer?”. Para ele, a comunicação traduz-se na busca de entendimento, reconhecendo as conexões entre a dimensão da subjetividade e da intersubjetividade. Uma ação comunicativa deve ter um destinatário capaz de recebê-la. Nenhuma ação se caracteriza como tal se do outro lado não houver quem receba, considerando sempre que o(a) receptor(a) só vai digeri-la, depois de refazê-la dentro de si mesmo(a), para, posteriormente, participar de uma ação de comunicação de forma contínua com outros agentes sociais. E como bem explica Habermas,

[...] os membros do coletivo têm que chegar a uma *decisão* comum. Eles têm que tentar convencer-se mutuamente de que é de interesse de cada um que todos ajam assim. Em semelhante processo, *cada um* indica ao *outro* as razões por que ele pode querer que um modo de agir seja tornado socialmente obrigatório. Cada pessoa concernida tem que poder convencer-se de que a norma proposta é, nas circunstâncias dadas, “igualmente boa” para todos².

Segundo análise de Citelli³, outros estudiosos da mesma geração, com destaque para a produção latino-americana, concluem, então, que a evolução dos estudos comunicacionais é demarcada pela “encruzilhada das impossibilidades se não recebem o devido aporte crítico que inclui a compreensão dos mecanismos sociais de produção, circulação e consumo das mensagens”.

2. O MODELO DAS MEDIAÇÕES

É a partir desse ponto de impasse, nos anos 1980, que o modelo das mediações começa a se consolidar. Com base nos Estudos Culturais, desenvolvidos desde o início dos anos 1960, centra-se na recepção da mensagem. Considera que o receptor não é passivo, quer dizer, vai receber as influências socioculturais do meio em que vive, gestando, assim, outro significado à mensagem. Esse processo de ressignificação da mensagem ocorre “entre” a emissão e a recepção, no campo denominado *mediações*. A capacidade de reflexão — de ressignificação — das pessoas situa-se exatamente no campo das mediações, isto é, além da emissão e recepção, existe um processo de diálogo interior, cujos sentidos se completam no jogo ideológico das experiências culturais e sociais, como família, amigos, escola, igreja, associações etc. De acordo com Citelli⁴,

[...] Nos anos 60, a força dos movimentos sociais provocou a revisão do papel do(a) receptor(a). “Está aí, o cerne do ‘contrato’, o aspecto regulador das intenções comunicativas a partir de códigos comuns e que transforma, pela aceitação do ‘pacto’, o receptor em elemento atuante no processo geral de configuração da mensagem. Fica, inclusive, por conta do receptor, prosseguir ou não o diálogo, redefinir ou

1. HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989, p. 91.

2 *Idem*, *ibidem*.

3 CITELLI, A. O. *Comunicação e Educação. A linguagem em movimento*. 3. ed. São Paulo: Senac, 2004, p. 32.

4 *Idem*, pp. 51 e 53-57.

manter linhas propositivas, prosseguir ou suspender sequências discursivas. [...] O sentido se constitui, pois, não em conjuntos de regras abstratas, mas nas práticas sociais e culturais que cortam de forma mais tensa ou mais harmônica os sujeitos falantes. [...] Postos no “entre”, os signos serão animados não só por experiências de um sujeito, mas por cadeias históricas coletivas, que nele vão deixando suas marcas à maneira dos *icebergs* redesenhados ao longo da trajetória marinha.

[...] É evidente que o desenvolvimento das formas produtivas modernas acabou, em função de objetivos específicos do capital, também se interessando pelo destinatário.

A teoria de Jesús Martín-Barbero⁵ sobre as mediações encontra ressonância para redesenhar os estudos comunicacionais. Suas pesquisas indicam que o meio sofre a ação das várias instâncias da sociedade. Martín-Barbero desloca a discussão dos meios para as mediações e a ação efetiva das mensagens. Em vez de os meios representarem somente recursos de produção, isto é, as empresas de comunicação e seus interesses, eles devem funcionar levando em conta as diversas instâncias envolvidas, as diversas redes de relações das pessoas. Desse modo, o fenômeno da recepção é mediado por instâncias da sociedade. São os intermediários que medeiam a influência, portanto, podem, por meio de práticas participativas, manipular os meios e os recursos, dominando suas linguagens e técnicas. A tese central é a de que existe um desordenamento provocado pela nova sensibilidade, ligada à variação prefigurativa, formada por relações que são marcadas pela desordem cultural, desterritorialização e hibridismos de linguagem.

Além de Martín-Barbero, autor espanhol que vive na Colômbia desde 1963, esse modelo foi desenvolvido com profundidade por estudiosos como o mexicano Guillermo Gomes Orozco e o argentino Nestor García Canclini. Aqui no Brasil, vários pesquisadores da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) debruçaram-se, a partir desses estudos, em um campo específico do saber que se intitulou Educomunicação. Os professores Ismar de Oliveira Soares e Adilson Odair Citelli propuseram um novo curso de licenciatura intitulado Educomunicação, que passou a ser ministrado em 2011 na mesma universidade. Em poucas palavras, Educomunicação pode ser definida como a inter-relação entre a Comunicação Social e a Educação, enquanto um campo de intervenção social específico.

Uma pesquisa que durou dois anos e foi finalizada em 1998, do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da ECA-USP, coordenada pelo professor Ismar de Oliveira Soares⁶, enfoca a emergência de um novo espaço profissional:

[...] A pesquisa partiu da evidência de que transformações profundas vêm ocorrendo no campo da constituição das ciências, em especial as humanas, assim como no campo das artes na sociedade contemporânea, na qual assiste-se a uma derrubada de fronteiras, de limites, de autonomias e de especificações. Ao seu final, a investigação concluiu que efetivamente um novo *campo do saber* mostra indícios de sua existência, e que já pensa a si mesmo, produzindo uma *metalinguagem*, elemento essencial para sua identificação como objeto autônomo de conhecimento: **o campo da inter-relação Comunicação/ Educação**. [...] Trata-se de uma refundamentação teórico-prática e ético-política, tanto do agir pedagógico, quanto do

5 MARTÍN-BARBERO, J. Heredando el futuro. Pensar la educación desde la comunicación. *Revista Nómadas*, s.d.

6 SOARES, Ismar de Oliveira. O campo da Comunicação/Educação, suas subáreas e a emergência de um novo espaço profissional. Pesquisa do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (NCE-ECA-USP), São Paulo, 1998, p. 3.

agir comunicativo. Ambos estão entremeados pela linguagem que além do *valor de conhecimento*, agrega também um *valor de ação social* que pode unir, separar, influir, integrar, persuadir, modificar ou fundamentar os comportamentos dos indivíduos. Ninguém consegue escapar dos processos interativos das linguagens, isto é, do famoso *agir comunicativo* de Habermas, pois o *estar-no-mundo* implica a existência de um saber partilhado que permite negociação de leituras do mundo, emolduradas por confluências e discordâncias dos sentidos das nossas linguagens.

Nas premissas desses estudos para uma educação com, pela e para a comunicação, seguindo o famoso esquema *step by step*, chega-se ao seguinte emaranhado de ações: 1) Gestão do agir comunicativo, no interior dos grupos; 2) Domínio instrumental (domínio das técnicas de funcionamento, compreensão e reconhecimento das técnicas de formatação e percepção das lógicas econômicas e políticas que influenciam os mecanismos de produção, circulação e consumo); 3) Leitura crítica dos meios; 4) Mecanismos efetivos de intervenção. Esses objetivos a serem perseguidos estão em sintonia com o sentido primeiro da palavra "comunicação", contido em sua própria composição: tornar COMUM uma AÇÃO. Segundo Baccega⁷,

[...] comunicação é interação entre sujeitos... Para que haja comunicação é preciso que os interlocutores tenham uma "memória" comum, participem de uma mesma cultura. Isso porque a comunicação se manifesta nos discursos e os discursos que circulam na sociedade se constituem a partir da intertextualidade.

Como a comunicação só se efetiva quando ela é apropriada e se torna fonte de outro discurso, segundo Baccega⁸, "para o enunciatário deve estar presente a condição de *enunciador*. Ele é, portanto, *enunciatário/ enunciador*". Já para Deleuze e Guattari⁹,

Não existe enunciado individual, nunca há. Todo enunciado é o produto de um agenciamento maquínico, quer dizer, de agentes coletivos de enunciação (por "agentes coletivos" não se deve entender povos ou sociedades, mas multiplicidades).

Retoma-se o entendimento básico de que a humanidade sempre desenvolveu estratégias com o objetivo de se instrumentalizar para a transmissão de informação e conhecimento. Por outro lado, como bem frisou Costa¹⁰,

[...] As teorias sobre ciências da comunicação estiveram atreladas, isto é, acompanhando o desenvolvimento dos meios de comunicação. Assim, o modelo funcionalista se baseia no esquema linear do telégrafo: um emissor, um meio, um código, um receptor. Com as mídias de massa esse esquema se complexifica para um emissor, muitos meios e milhares de receptores (um para muitos); até chegarmos à atualidade da comunicação em rede, quando temos muitos para muitos, numa relação mediada por computadores. Nesse sentido, a Escola de Frankfurt diz respeito a um momento da comunicação de massa.

Chega-se ao final do século XX celebrando-se a mais ampla das revoluções com o advento das mídias digitais, que têm na internet sua maior expressão. Pela primeira vez, é possível a interação virtual em tempo real, além da amplificação do papel do público, que passa de mero consumidor a produtor de mensagens.

7 BACCEGA, M. A. Comunicação: interação emissão/recepção. *Revista Comunicação e Educação*, n. 23, ECA-USP/Salesiana, jan./abr. 2002, pp. 7-8.

8 BACCEGA, M. A. A construção do campo comunicação/educação: alguns caminhos. *Revista USP*, n. 48, dez./jan./fev. 2000-2001, p. 20.

9 DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs capitalismo e esquizofrenia*. Volume 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 51.

10 Explicação frisada pela orientadora Maria Cristina Castilho Costa, durante reunião realizada em 1 mar. 2011.

E é esta recente revolução comunicativa que traz ao movimento feminista perspectivas pungentes na luta pela transformação das relações sociais de gênero, na medida em que as mídias digitais podem alterar a percepção e materialização assimétrica de poder entre os sexos, que coloca o homem em situação de dominação com trágicas consequências para a sociedade. As novas noções de tempo e espaço, o novo modo de sentir, pensar e agir podem acelerar a harmonização de relações construídas socialmente, aceitas culturalmente e mantidas historicamente por milênios.

3. AS MÍDIAS COMO INSTRUMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE

Sem dúvida, a cada inovação nas formas de expressão e de transmissão da informação e do conhecimento potencializam-se as estratégias para alcançar maior poder de disseminação nas mensagens de libertação da opressão patriarcal pelas mulheres.

DADOS DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO

20% das mulheres são chefes de família

Mulheres ganham **28%** a menos que os homens

6 milhões e meio

de mulheres exercem o trabalho doméstico,

das quais **61,6%** são negras

2009-2011: **16 mil** mortes por conflito de gênero

2013: **38 mil** homens autuados pela Lei Maria da Penha (Violência Doméstica)

A cada **duas horas**, uma mulher é assassinada

A cada **cinco minutos**, uma mulher é espancada

A cada **12 segundos**, uma mulher é estuprada

50 mil mulheres são estupradas por ano no país, de acordo com o último estudo do Ministério da Justiça, realizado em 2012

Índice de participação política:

7,4% governos estaduais e distritais;

9,2% Câmara dos Deputados;

8,6% Senado

Disponível em: <www.mulherespaz.org.br>. Acesso em: 10 jun. 2015.

Na era digital, as possibilidades de intervenção feminista encontram uma ressonância ainda mais potente. A revolução das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) provocou novas noções de tempo e espaço, um novo modo de sentir, pensar e agir. A imagem midiática passou a exercer uma influência sem precedentes na produção dos sentidos das pessoas, seres responsáveis, conjuntamente, pela concretização da utopia de uma sociedade justa e igualitária.

Assim, qualquer proposta política e/ou educativa não pode ignorar as TIC e a complexidade que as envolve, bem como a crise paradigmática ora instalada. A constituição do imaginário está conectada tanto com a construção cultural das relações de gênero como com a influência das TIC na formação das pessoas, considerando-se que a realidade se constitui a partir da objetividade e da subjetividade. Como bem salienta Cristina Costa¹¹: “Há um jogo entre o eu e a cultura. Por um lado, a cultura se impõe a nós; por outro, somos parte da cultura. Trata-se de um jogo entre algo que me contém, mas não me contém inteira”.

Para projetar o futuro é necessário rever o passado e analisar o presente, tempo este em que as TIC passaram a representar o poder maior na nova ordem política, econômica, social e cultural. No emaranhado dinâmico das estruturas do imaginário vão se tecendo laços que podem ser fortalecidos — no sentido de perpetuar as desigualdades de gênero — ou afrouxados, visando desfazer os moldes dos papéis estabelecidos pela dinâmica social. É pelo trabalho educativo que se transforma seres humanos em agentes políticos, que se consegue alterar os condicionamentos. Essas “verdades” estão presentes na construção social de gênero, que é tecida a partir das diversas redes de relações na vida de uma pessoa: família, igreja, escola, associações populares, partidos políticos, meios de comunicação de massa...

Apesar de haver limitações do movimento feminista em utilizar a comunicação como ferramenta estratégica de luta, há que se ressaltar, primeiro o caráter pioneiro de criação de conteúdos educativos em ambiente virtual, voltados para TIC e transformação social, direcionados, principalmente, para o universo das organizações não governamentais e comunidades de base espalhadas mundo afora. Também há que se levar em conta as dificuldades de financiamento por que passam tais entidades, em épocas de crise econômica mundial, o que provoca a escassez ainda maior de recursos humanitários.

Em vários países ao redor do mundo, um número razoável de mulheres tem se convertido em ativas participantes dos temas relacionados ao uso das TIC. Essa incidência abrange aspectos que vão desde o fato de assegurar o acesso local, participação em reuniões nacionais sobre políticas de TIC, desenvolvimento de serviços de informação, redes virtuais de mulheres e produção de material de capacitação com perspectiva de gênero, assim como oferecer recomendações em temas como desenho e implementação de TIC.

Com os resultados do percurso e da análise de tais pesquisas, foi possível oferecer recomendações concretas para o movimento feminista, demonstrando-se as possibilidades de práticas educomunicativas e de comunicação a distância

11 Aula ministrada em 25 de maio de 2010, na disciplina Fundamentos da Comunicação e Expressão Humanas, na ECA-USP, coordenada por ela.

alavancadas pelas mídias digitais, notadamente as redes sociais, que configuram novas formas de representação da mulher. As mídias digitais, principalmente, alteram os modelos estereotipados de representação da mulher, propiciando uma ação mais efetiva do movimento feminista por meio da comunicação a distância. E, sem sombra de dúvida, os desafios atuais perseguem o mesmo objetivo de pioneiras dessa luta: uma sociedade com equidade de direitos — relações de igualdade, com respeito às diferenças —, sem o que não se pode conquistar a democracia e a cidadania plena.

Há que se considerar que, apesar do avanço significativo na condição de vida da mulher, intensificado nas últimas décadas graças ao impulso dado pelo movimento feminista, permanece o impasse na busca da igualdade na divisão dos espaços público e privado, o que demonstra a permanência das imagens e dos mitos que cultuam, de forma efervescente, a identidade masculina e feminina.

As novas dinâmicas comunicacionais que submergem da era digital, consolidando nas práticas cotidianas uma profusão de formas de aprendizado e de expressão pessoal e interpessoal, agregam-se de forma potencializadora às revolucionárias narrativas feministas implementadas logo após a segunda metade do século passado. Como resultado, encontra-se a inexorável oportunidade de avanço da luta pela equidade das relações sociais de gênero, por meio de uma estratégia de práticas educacionais e de comunicação a distância, para que se vislumbre uma reformulação da agenda feminista, visando à consolidação de formas mais efetivas de intervenção política e de atuação nas práticas pela equidade de gênero.

Segue, abaixo, uma relação dos resultados dessas pesquisas-ação que se somam e estão em consonância com as ações que vêm ocorrendo no processo de multiplicação Brasil a fora, no campo da educação não formal, envolvendo integrantes do movimento feminista e de mulheres:

- O aprendizado gestado comprova a existência de outras formas de expressão por meio da comunicação a distância utilizando-se as TIC, que promovem uma mudança de mentalidade e, conseqüentemente, o avanço da luta das mulheres pela equidade de gênero, graças às novas formas de produção, interatividade, compartilhamento e amigabilidade.
- As pesquisas-ação apontam a possibilidade concreta de multiplicação de ações educacionais e de comunicação a distância Brasil a fora, principalmente por utilizar recursos digitais elementares, que são acessíveis a grande parte da população.
- As TIC promovem um relacionamento mais horizontal entre quem ensina e quem aprende; ambos aprendem e ensinam ao mesmo tempo.
- Diferentes gerações conseguem entrar em sintonia no universo das TIC, mesmo considerando-se a brecha geracional.
- Houve um avanço considerável no âmbito do domínio tecnológico das lideranças participantes, assim como na consciência sobre a importância de incluir mulheres residentes na área urbana e rural, pertencentes à diversidade dos movimentos de mulheres, tais como negro, lésbico,

promotoras legais populares, jovens etc. Trata-se de um modelo que vem sendo replicado.

- Fortalecimento da conexão entre TIC e relações de gênero pelos grupos de base de algumas regiões brasileiras, com potencial de ressonância para outras localidades.
- Ampliação de horizontes no que concerne ao uso da internet, principalmente para a prevenção e o combate à violência contra a mulher, que se materializa no cotidiano pela violência doméstica e sexual, além do tráfico de mulheres.
- Criação de uma rede específica com o objetivo de fortalecer a luta contra a violência à mulher, que pode ser amplificada, assim como o aumento da capacidade de sistematização e proposição de políticas públicas e estratégias de intervenção.
- Fortalecimento dos laços de solidariedade entre as mulheres, especialmente considerando-se o fato de que as participantes pertencem a diferentes áreas geográficas em um país com dimensões continentais, além da diversidade de raça/etnia, geração e orientação sexual/identidade de gênero.
- Multiplicação de iniciativas de debates descentralizados, processos de formação voltados para a conexão entre TIC, gênero, desenvolvimento, empoderamento, violência contra a mulher e políticas públicas.
- Aumento da conscientização, por parte de lideranças históricas do movimento feminista e de mulheres, da necessidade de incluir TIC na agenda estratégica.
- Necessidade de ampliação dos processos de capacitação, tanto em nível nacional como local.
- Incidência das pesquisas-ação nas instâncias de poder governamentais e empresariais (responsabilidade social), com a participação em eventos e realização de entrevistas.
- A experiência das pesquisas-ação ofereceu o fermento básico para o início de projetos sobre uma metodologia específica para trabalhar com mulheres e homens a questão da violência doméstica, do tráfico de mulheres e da violência sexual, nas diferentes regiões brasileiras, tanto presencialmente como em termos de comunicação a distância.

Para encerrar — sem deixar de novamente enfatizar as contribuições gestadas coletivamente em tais pesquisas-ação, as quais não se estabelecem como verdades absolutas —, enfatiza-se a reflexão de Citelli¹², no sentido de que “[...] entre o ‘aqui’ e o ‘lá’, para retomarmos nossa tensão teórica de base, a semente pode frutificar; nos intervalos faíscas distribuem luzes e fazem das linguagens lugares de criação ideológica”, que é embalada pela frase de Paulo Freire¹³, já que “o mundo não é, o mundo está sendo”.

12 Idem, p. 60.

13 Idem, p. 85.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, M. A. Comunicação: interação emissão/recepção. **Revista Comunicação e Educação**, n. 23, ECA-USP/Salesiana, jan./abr. 2002.

_____. A construção do campo comunicação/educação: alguns caminhos. **Revista USP**, n. 48, dez./jan./fev. 2000-2001.

CITELLI, A. O. **Comunicação e Educação**. A linguagem em movimento. 3. ed. São Paulo: Senac, 2004.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

MARTÍN-BARBERO, J. Heredando el futuro. Pensar la educación desde la comunicación. **Revista Nómadas**, s.d.

SOARES, Ismar de Oliveira. **O campo da Comunicação/Educação, suas subáreas e a emergência de um novo espaço profissional**. Pesquisa do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (NCE-ECA-USP), São Paulo, 1998.

VIEIRA, Vera. **Comunicação e Feminismo: as possibilidades da era digital**. Tese de Doutorado em Comunicação. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.